

O corpo da cidade: estudos visuais para um filme
The body of the city: visual studies for a film

Georgiane Abreu da Costa¹
georgiane.costa@ifch.ufpa.br



¹ Historiadora, produtora audiovisual e mestranda em Antropologia pelo PPGA – UFPA: <http://lattes.cnpq.br/6638486460987041>

Resumo:

Neste ensaio retomamos a trajetória de uma ideia, do seu primeiro insight até a produção de um projeto de webfilme contemplado pela Lei Paulo Gustavo gerida pela FUMBEL em 2024. A arquitetura como parte do corpo da cidade de Belém, que vem sofrendo modificações constantes e demais arruinamentos produzidos pelos elementos humanos e naturais e uma projeção de futuro sobre como este mesmo corpo pode reagir à eventos climáticos inesperados.

Palavras-chave: arquitetura; cultura material; ficção especulativa

Abstract:

In this essay we revisit the trajectory of an idea, from its first insight to the production of a web film project contemplated by the Paulo Gustavo Law and managed by FUMBEL in 2024. Architecture as part of this body of the city of Belém, which has been undergoing constant and other ruins caused by human and natural elements and a future projection on how this same body can react to unexpected climate events.

Keywords: architecture; material culture; speculative fiction

Os primórdios de uma ideia

Em 2017, enquanto vivia no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, dirigi meu primeiro e único curta-metragem, intitulado *A Mulher do Fim do Mundo*². O curta foi produto de um edital municipal para realizadores da periferia do Rio e trazia consigo também algumas mentorias (roteiro, direção, produção, etc); a ideia surgiu a partir de deambulações pela favela e a observação de sua arquitetura, seus prédios e pontos históricos. Um pouco antes, tive o primeiro contato com o termo ficção especulativa, a partir de textos publicados no catálogo da mostra de cinema Afrofuturismo – Cinema e música em uma diáspora intergaláctica³, com curadoria da professora e pesquisadora Kênia Freitas. O termo, segundo Carlos Calenti, doutorando em Antropologia Social pela UFAM, é difícil de ser definido

“(…) dada a multiplicidade de significados que ele possui. Aqui, utilizo o termo da forma mais corrente, como uma espécie de guarda-chuva conceitual abarcando uma série de expressões/gêneros não realistas, tais como a ficção científica, a fantasia, o horror, a weird fiction (ficção estranha), entre muitos

² No curta, uma astronauta mareense volta a sua terra natal depois de participar do projeto de colonização de marte e encontra tudo como antes: <https://youtu.be/tQYhqqcqNgg>

³ https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7965556/mod_resource/content/0/Afrofuturismo_catalogo.pdf

outros. Complementarmente, também me interesse pelo termo devido à discussão sobre a ficção como uma antropologia especulativa, tal como aventada pelo escritor argentino Juan José Saer. Para esse autor, através da ficção não se produz uma negação da realidade objetiva, mas ‘ao contrário, submerge-se em sua turbulência, desdenhando a atitude ingênua que consiste em pretender saber de antemão como essa realidade se conforma’ (SAER, 2009, p. 2).” (Calenti, 2022: 2)

Seguindo essa linha de raciocínio, da turbulência da realidade filtrada pelo prisma da especulação e transformada, não em futurologia, mas em um suplemento do real, segui buscando imagens que pudessem ser transformadas em filmes a partir de derivas pelas cidades onde vivi.

“A arte não reproduz o visível; ela torna visível”⁴

Em março de 2022, cursando a disciplina de Cultura Material, eletiva do mestrado em Antropologia no PPGA-UFPA, tive meu primeiro contato com a teoria do antropólogo inglês Tim Ingold: para o autor, o mundo é composto por coisas e seus materiais, que se intrelaçam em relações diversas e estão em constante processo de arruinamento. Ingold

faz também uma diferença entre os conceitos de **coisa** e **objeto**, sendo este último aquilo que está fora da teia de relações, ou seja, inerte, enquanto as coisas se mantêm vivas e, por vivas, entenda-se em constante estado de transformação.

Essa ideia de coisas que se mantêm em fluxo contínuo se refere ao modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de outras coisas, se mantendo em movimento; enquanto os objetos não participam mais dessa teia criativa de produção. O objeto é algo que foi retirado de seus processos vitais. As coisas, por sua vez, se mantêm vivas em suas relações com outras coisas e com o ambiente, e em sua constante crepitude.

O processo de arruinamento das coisas

Foi essa ideia de crepitude constante que me saltou ao olhos ao passear pelo centro de Belém pós pandemia. A seguir apresento fotos que fiz com todas esses conceitos na cabeça:

⁴ Frase do pintor alemão Paul Klee citada por Tim Ingold no conhecido artigo “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”



Nas imagens, vemos um dos prédios mais conhecidos do centro da cidade, o Edifício Manoel Pinto da Silva que, devido ao ângulo escolhido para a foto, parece adornado pelas copas das árvores da Praça da República. A partir destas imagens imaginei as consequências de uma enchente que estendesse os limites da Baía de Guajará, alagando o centro da cidade. O que sobraria de Belém afinal?





O webfilme “Uma carta de Belém”

Impulsionada pela publicação dos editais da Lei Paulo Gustavo gerenciados pela Fundação Cultural do município no final de 2023, escolho a premiação para Agentes Culturais e resolvo produzir um webfilme⁵ de três minutos que dê alguma resposta à minha curiosidade sobre fabular a cidade após um evento climático de proporções catastróficas.

Num domingo, saí para capturar imagens de alguns prédios do centro que já possuíssem um aspecto de arruinamento bem aparente, assim como outros que sejam bastante conhecidos, como o próprio Manoel Pinto da Silva e a Igreja das Mercês.

A partir destas fotos - algumas delas apresentadas no item anterior -, começo a produzir o webfilme: escolho o vertical como quadro para enfatizar a natureza dos prédios, mas também para acolher o uso instintivo do celular, que é a verticalidade; aplico filtros para salientar o aspecto de catástrofe e escolho a narração como forma de contar essa história. Assim, desenvolvi uma videocarta, em que uma Georgiane do futuro volta a sua cidade natal depois de um episódio traumático de fundo climático e descreve para sua filha o estado geral das coisas.





no centro sobram
só as árvores mais altas



as estátuas e alguns prédios



Fabulando sobre essa paisagem arquitetônica que é alterada bruscamente, desenvolvo uma personagem que diz reconhecer sua antiga cidade em meio ao caos, refletindo sobre o fato de que o lugar esteja se transformando em algo que ela agora desconhece e estranha. O fim de uma era familiar se apresenta. A personagem diz que está levando embora – não se sabe o que e nem para onde – tudo aquilo que conseguiu lembrar.

“Everybody knows that our cities were built to be destroyed”⁶

A ideia desta videocarta, portanto, é provocar uma reflexão, não só sobre os hábitos que nós enquanto moradores precisamos alterar para que as mudanças aconteçam de forma mesmo traumática, mas também sobre o que nós, enquanto cidadãos, precisamos reivindicar para que Belém não desapareça do mapa sem que tenhamos tentado evitar o pior. Para isso, o conceito de ficção especulativa nos auxilia na criação de hipóteses possíveis sobre situações em desenvolvimento, imaginando problemas e suas possíveis soluções. Para tanto, vale lembrar da frase de Paul Klee citada por Tim Ingold: a arte não reproduz o visível; ela torna visível (tanto o problema quanto seu antídoto).

REFERÊNCIAS:

BANDEIRA NETTO, F.; MACHADO CARDOSO, D. Notas humanimais e visuais sobre corridas de cavalo na ilha do marajó em um campo antropológico. *Fotocronografias*, [S. l.], v. 8, n. 20, p. 100–119, 2022.

Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/fotocronografias/article/view/133470>

Acessado em: 25 jan. 2024.

CALENTI, Carlos. Cintilações multiespécies: modos de percepção entre a antropologia e a ficção especulativa. *NOVOS DEBATES*, 8(1): E8106: 01-19, 2022. Disponível em: https://novosdebates.abant.org.br/wp-content/uploads/2022/11/NOVASPESQUISAS_carloscalenti.pdf

Acessado em: 26 jan 2024.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*. 18 (37): 25-44, 2012.

⁶ “Todo mundo sabe que nossas cidades foram construídas para serem destruídas.” (tradução minha). Verso inicial da canção “Maria Bethania”, de Caetano Veloso